Segunda parte – Personagens da Capoeira na Literatura Brasileira

Capítulo 4 - Cabralzinho: a arte do fazer-se herói nacional através da capoeira

Josivaldo Pires de Oliveira
Luiz Augusto Pinheiro Leal

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, J. P., and LEAL, L. A. P. Cabralzinho: a arte do fazer-se herói nacional através da capoeira. In: *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 70-82. ISBN: 978-85-232-1726-6. Available from: doi: [10.7476/9788523217266.006](https://doi.org/10.7476/9788523217266.006). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/96v9g/epub/oliveira-9788523217266.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

SEGUNDA PARTE

Personagens da Capoeira na Literatura Brasileira

Cabralzinho: a arte do fazer-se herói nacional através da capoeira

A capoeiragem um dia, pelo excesso de suas “aplicações”, por dá cá aquela palha, conforme os apetites da malandragem, despertou das autoridades medidas arrasadoras de extinção no Rio de Janeiro, onde já se fizera calamitosa...

Entre nós, uma rasteira histórica não deve ser esquecida: a do nosso bravo ‘Cabralzinho’, que com ela desarmou um oficial francês que o tentava alvejar a tiro. E com isso pôs abaixo as pretensões da França sobre o nosso Amapá [...]¹

Na última década do século XIX, o Brasil experimentou um desentendimento diplomático com a França por questões territoriais que por muito pouco não tomou maiores proporções. O limite norte do Brasil experimentava um problema de demarcação de fronteiras com a Guiana Francesa que já perdurava por vários anos. A definição dos marcos entre os dois territórios, representados por Cayena e pelo Amapá, apesar de diversos acordos feitos anteriormente, na prática não estava sendo respeitada. Desde que foi anunciada a descoberta de ouro na região, os conflitos passaram a se intensificar ainda mais. Os franceses sempre interpretavam de forma favorável a si que o rio definidor dos limites

¹ RIBEIRO, José Sampaio de Campos. *Gostosa Belém de outrora*. Belém: Editora Universitária, 1965, p. 54-55.

de seu território era outro que não o defendido pelos brasileiros. Uma das graves consequências disso era que, frequentemente, os brasileiros sofriam perseguição por parte dos franceses, em seu próprio território.

O governo brasileiro, por muito tempo, tratou a questão como um problema particular do governo paraense e não como uma questão nacional. Parte da omissão federal se justificava pelas dificuldades relativas à comunicação com o Amapá, o território envolvido na disputa. No entanto, a situação mudaria de importância devido à intervenção de alguns brasileiros, sob a liderança do paraense Francisco Xavier da Veiga Cabral, o famoso capoeira conhecido como Cabralzinho.

Nosso protagonista teve uma participação ativa e destacada na história política e social paraense, desde as últimas décadas do regime monárquico. No entanto, quem buscasse conhecê-lo através de uma versão oficial da história paraense possivelmente teria poucos dados sobre sua trajetória de atuação política. Conheceriam-no particularmente no papel excepcional de herói nacional: “[...] o chefe dos patriotas que defenderam a soberania do Brasil, no Amapá, quando da invasão dos franceses”, conforme o historiador paraense Ernesto Cruz.² Contudo, nem sempre as referências a Cabralzinho foram favoráveis. Entre os anos de 1890, quando era apontado como desordeiro por seus oponentes, e 1895, quando ocorre sua participação no conflito com os franceses, muita coisa aconteceu na vida política do Pará. Na maioria delas, esteve presente nosso singular capoeira. Acompanhemos a trajetória de mutação do “valentão” em herói.

² CRUZ, Ernesto, *História do Pará*. Rio de Janeiro: Império Nacional, 1963. 2 v., p. 43.

Cabralzinho nasceu em 5 de maio de 1861 e durante o Império tornou-se famoso por se envolver em diversos conflitos políticos, especialmente por ocasião das eleições.³ Seu interesse pela política possivelmente foi herança do pai, Rodrigo da Veiga Cabral, que havia sido vereador por dois mandatos entre 1861 e 1868, pelo Partido Liberal. Contudo, Cabralzinho parece não ter tido interesse em seguir a mesma carreira política do pai. Cedo se tornou comerciante e funcionário público (até ser despedido por ocasião do primeiro governo republicano). Tinha um irmão capitão do exército (talvez isso explique a popularidade que Cabralzinho viria a ter junto aos militares) e exerceu a função de comerciante diversas vezes, durante 20 anos. Uma de suas casas comerciais estava situada no Ver-o-peso, importante área comercial de Belém, e se chamava Facão. Curiosamente este também seria um dos apelidos atribuídos a Veiga Cabral.⁴

Em 1885, aliou-se a Olympio Lima para trabalharem juntos na publicação do periódico *O Cosmopolita*, cujo linguajar crítico e tido por imoral pelos ofendidos não perdoava os membros do Partido Conservador. Por esse motivo, o jornal recebeu constantes ataques até ser fechado definitivamente em 1888. Cabral só voltaria a publicar um jornal próprio a partir do início do século XX. *O Patriota*, seu novo periódico, tinha um estilo de linguagem semelhante ao anterior, mas seu alvo era outro. No já instituído conflito entre *lauristas* e *lemistas*, o proprietário de *O Patriota* era favorável aos primeiros. Havia uma dívida de gratidão com Lauro

³ Por ter participado da violação e quebra de urnas no distrito da Sé, Cabral foi processado em 10 de agosto de 1886. Arquivo Público do Estado do Pará. Secretaria de Polícia da Província, autos do mês de agosto de 1886. Ernesto Cruz também cita este episódio. CRUZ, Ernesto, *História do Pará*, 1963, p. 735.

⁴ Ibid., p. 700-1, FOLHA DO NORTE. Belém, 19 maio 1905.

Sodré desde que recebera deste a anistia por haver participado da revolta do Cacaolinho, em 1891, que relataremos adiante.⁵

Outro episódio vivido por Cabralzinho foi seu confronto com o capanga Mão-de-Seda, em 1888. Raimundo Proença conta que “Certa vez, no largo de Sant’Ana (hoje praça Maranhão), ia sendo vítima do punhal do terrível desordeiro conhecido por Mão-de-Seda, valendo-lhe a vida o destemor e a agilidade com que, a golpes de *capoeiragem*, luta em que era perito, pôs em fuga o agressor”.⁶ Contudo, escapou a Proença a informação de que Mão-de-Seda voltou a encontrar Cabral no mesmo largo. Após nova discussão, Mão-de-Seda aproveitou-se do momento em que Cabralzinho lhe deu as costas, retirando-se, para apunhalá-lo. Segundo os depoimentos da época, a tentativa de assassinato ocorreu sob o olhar de uma patrulha montada que se fazia presente naquele momento. O fato foi amplamente citado e discutido pela imprensa da época, pois envolvia assuntos políticos conflituosos entre liberais e conservadores.⁷

Mão-de-Seda foi acusado de ser agente secreto da polícia e de ter tentado assassinar Cabralzinho a mando do governo. Por outro lado, a vítima era um dos mais ferozes redatores da folha liberal, *O Cosmopolita*, que há muito vinha atormentando o Partido Conservador (e até mesmo, setores do Partido Liberal) com seu estilo considerado “virulento”. A imprensa dividiu-se em favor de cada um dos contendores, conforme a conveniência.⁸

⁵ MENEZES, Murilo. Frederico Rhossard e o seu tempo. *Revista da Academia Paraense de Letras*, Belém, 1964, p. 162.

⁶ PROENÇA, Raimundo, *Pontos de história do Pará*. Belém: Papelaria Americana, 1937, p. 101.

⁷ Para acompanhar os debates travados em torno da questão, consultar, entre outros, o jornal DIÁRIO DE BELÉM, 17 fev. 1888.

⁸ Idem., O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 24 fev. 1888.

Com a proclamação da República, Cabral atuou mais nos conflitos físicos contra seus oponentes do que nos debates jornalísticos. O governo republicano foi entregue pelos militares aos republicanos históricos e os membros do Partido Liberal constituíram o Partido Republicano Democrático, ao qual Cabral esteve associado, tornando-se uma espécie de militante jacobino. A princípio, os democratas acreditavam que poderiam alcançar espaço no novo sistema de governo, por meios “pacíficos” e legais. Mas os republicanos se mostraram duros com a oposição, inclusive no episódio da deportação de capoeiras ligados ao Partido Democrático⁹.

Desde o resultado das eleições ocorridas em setembro de 1890, quando os republicanos saíram vitoriosos e os democratas totalmente derrotados, a oposição deixou de acreditar na possibilidade de reconquistar o poder através do processo eleitoral. Então, planejaram colocar em prática o plano de confronto direto que estava guardado há algum tempo. Em 11 de junho de 1891, ocorreria a reunião dos deputados e senadores que formaria a Assembléia Constituinte Estadual. Havia o boato de que o chefe dos democratas – Vicente Chermont de Miranda – seria preso. Reunidos na casa dele, os democratas cogitaram derrubar o novo governador nomeado, Huet Bacellar.¹⁰ No entanto, logo os chefes democratas notaram que não seria viável um ataque à cidade naquele momento, pois ela estava bem policiada e qualquer ação seria imprudente.

⁹ MEIRA, Octávio, *A primeira República no Pará (desde o crepúsculo da Monarquia até o golpe de Estado de 1891)*, 1º volume, Belém, Falangola, 1981, p. 305.

¹⁰ No início de 1891, Justo Chermont foi nomeado ministro das Relações Exteriores do governo de Deodoro da Fonseca. Substituiu Quintino Bocaiúva, que deixava o governo depois de ter seu prestígio diminuído com a deportação de seu protegido capoeira Elísio Reis.

As lideranças desistiram do ataque, mas Cabral não concordou com a resolução. Contava com a vinda de reforços do interior, pois tinha homens armados em São Domingos do Capim.¹¹ Resolveu, assim, levar a coisa adiante por conta própria, mesmo contra a vontade dos demais democratas. Era a revolta do Cacaolinho que se iniciava.

Veiga Cabral dirigiu-se à casa de sua mãe para se despedir. Escreveu uma carta dando orientações a seu sócio no comércio e foi se reunir com cerca de 100 homens armados que o aguardavam na doca do Reduto. A eles se juntaram mais 80 que tinham vindo da Ilha das Onças, fronteira à Belém. Um sargento de polícia lhe informou que já estavam prontos os praças do Corpo de Polícia, que esperavam no quartel para se juntar ao movimento. O próprio Cabral desarmou a sentinela do quartel para que tivessem acesso às armas guardadas no depósito de munição. Com a banda de música à frente, os revoltosos se dirigiram à casa de Vicente Chermont e deram vivas ao Partido Democrático. De lá se dirigiram ao lugar denominado Cacaolinho, nos arredores de Belém, e ficaram a aguardar inutilmente a vinda de reforços do interior.¹²

O governador Huet Bacellar ordenou uma verdadeira campanha de guerra contra os revoltosos. O local em que eles se encontravam foi cercado por terra e pelo rio Guamá. Um tiroteio

¹¹ Em maio de 1891, o capitão João Francisco da Luz, com cerca de 100 homens armados, estava aguardando, no Capim, o momento certo para desembarcar em Belém e auxiliar na deposição do governador. O governador chegou a combater o grupo do capitão Luz ainda no interior, mas não conseguiu desmobilizá-los devido à estratégia de guerrilha em que os rebeldes se encontravam.

¹² MEIRA, Octávio, *A primeira República no Pará*, p. 336-7. Cacaolinho ficava próximo de onde hoje se localiza a praça Princesa Isabel. Ver também FOLHA DO NORTE. Belém, 19 maio 1905.

sem trégua se iniciou. Paralelamente, a Assembléia Constituinte se reunia, sob a proteção de um forte esquema de segurança. No Cacaolinho, o confronto, sem baixas entre os rebeldes, durou até cerca das 8 horas da noite. Quando acabou a munição, vendo que os reforços não chegavam e aproveitando a escuridão, os combatentes, guiados por Cabral, começaram a dispersar pelo mato.¹³

O governador havia entrado em acordo com Vicente Chermont de Miranda para o término do combate. Os rebeldes não sofreriam retaliação. Contudo, logo que se deu o fim do conflito armado, todos os insurgentes foram presos. O corpo de polícia foi dissolvido e os principais líderes democratas deportados para a Europa. Cabralzinho, como não foi capturado, ainda conseguiu visitar a casa de sua mãe, que acabara de falecer. Depois, furtivamente embarcou em um vapor inglês para New York. De lá voltou apenas quando foram anistiados todos os envolvidos na revolta do Cacaolinho, em agosto do mesmo ano. Era a primeira ação do novo governador eleito Lauro Sodré. A partir deste momento Cabral lhe dedicaria forte admiração.

Contudo, quem disse que o capoeira se acomodou? Em 1893, voltaria à ação. Em novembro do mesmo ano, participaria da Revolta da armada em nível local, sem grande sucesso¹⁴.

A revolta foi abafada pelas tropas do governador Lauro Sodré que, por sua vez, garantiu a segurança de Cabralzinho.¹⁵ Mais uma vez parecia que tudo ficaria tranquilo na vida desse personagem tão influente no meio rebelde paraense. No entanto, a tranquilidade duraria muito pouco. Desde a revolta do Cacaolinho,

¹³ BORGES, Ricardo. *O Pará republicano* (1824-1929). Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1983, p. 54-6.

¹⁴ FOLHA DO NORTE. Belém, 19 de maio de 1905, passim.

¹⁵ Idem.

Veiga Cabral, ao invés de regressar para Belém, instalara-se no Amapá com alguns amigos (possíveis cúmplices das rebeliões anteriores). Viviam do comércio e de atividades extrativas, mas Cabral acabou sendo convidado para participar da política local, como membro do triunvirato que administrava o Amapá.¹⁶ Logo passou a ser uma forte liderança local. Tudo parecia ir mais ou menos bem, mas a calma duraria pouco tempo. No ano de 1895 sua vida mudaria radicalmente, inclusive por sua participação no conflito de fronteira nos limites do Amapá e da Guiana Francesa, citado anteriormente.

Trajano, um ex-escravo da cidade de Cametá, estando ao lado dos franceses, foi nomeado governador/presidente da então recém-fundada República do Cunani, território dentro do espaço brasileiro pretendido pelo governo de Cayena. Em suas ações, Trajano buscou “expandir” o território francês para dentro do Amapá, gerando um conflito que teve por consequência sua prisão em Macapá.

De Cayena foi enviada uma tropa para libertar Trajano que ao desembarcar em Macapá sofreu forte resistência por parte de um grupo de brasileiros liderados por Veiga Cabral. É a partir deste momento que a atuação de Cabralzinho como capoeira ficou mais conhecida e o transformou em um herói nacional do período. O conflito imediato iniciou quando as tropas francesas chegaram a Macapá em busca de Cabralzinho. Tinham ordens de prendê-lo. Cabral ficou frente a frente com o comandante da tropa e se recusou a render-se, desafiando o francês. Daí ocorreria o fato que o tornaria célebre:

¹⁶ QUEIROZ, Jonas Marçal de. História, mito e memória: o Cunani e outras Repúblicas. In: GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Nas terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira – séculos XVIII-XIX*. Belém: Editora Universitária UFPA, 1999. p. 337.

Lunier [o comandante] saca do revólver e tenta apontá-lo em direção de Cabral, que com extrema agilidade se lança sobre o oficial francês, aplicando-lhe o que na gíria brasileira se chama de “capoeira”, e projeta-o ao solo. Sem tempo para oferecer reação o francês cai. Cabral arrebatou-lhe o revólver das mãos.¹⁷

Como o oficial ainda insistiu para que a tropa atirasse em Veiga Cabral, este se defendeu e matou o capitão Lunier com sua própria arma. Um tenente, vendo a cena, avança sobre Cabral para vingar a morte do capitão, mas tem a mesma sorte. A cena ainda se repetiria com um sargento. Neste momento, já havia chegado ajuda para o líder capoeira e um tiroteio intenso se iniciou. A tropa francesa se dispersou em fuga, sendo perseguida pelos brasileiros. Posteriormente, os franceses voltaram em maior número e um novo conflito foi desencadeado. Desta vez foram os brasileiros que tiveram que fugir, refugiando-se na mata. Retornaram para socorrer os feridos somente quando os franceses partiram (estes temiam ficar presos no local devido à maré baixa).¹⁸

A partir deste conflito direto com os franceses, que oficialmente negaram o conhecimento do fato e sua autorização, desencadeia-se um interessante processo jurídico internacional. Os órgãos diplomáticos dos dois países se submeteram ao arbítrio da Suíça para que fossem definidos os limites legais do território contestado¹⁹. Nesse momento, ficou célebre a atuação do diplomata brasileiro Barão do Rio Branco que, através de uma

¹⁷ MEIRA, Augusto de Bastos. *Fronteiras sangrentas – heróis do Amapá*, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1975, p. 63-70.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid., p. 97-115. Ver REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Território do Amapá – Perfil histórico*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

investigação minuciosa e densa prova documental, conseguiu a vitória brasileira no tribunal internacional. Mas isso é uma outra história! Retornemos a Veiga Cabral.

No Amapá, após o conflito com os franceses, Cabral passou a receber o apoio do governador Lauro Sodré e convidado a receber homenagens na capital. No Rio de Janeiro, e nos estados pelos quais passou, foi recebido como um herói nacional, com muitas festas e recebendo homenagens patrocinadas pelos governos anfitriões. As manifestações de homenagem a Cabralzinho foram intensas, mas não duraram muito. Ele logo deixou o Amapá e voltou a residir em Belém. Elegeu como seus inimigos os opositores de Lauro Sodré, os *lemistas*. Entre 1904 e 1905, atacou-os ferozmente através das páginas de seu periódico, *O Patriota*. Neste momento, Lauro Sodré já não era governador e nem se encontrava no Pará. Quem ocupava o cargo era Augusto Montenegro que, em comum acordo com Antônio Lemos, governaria o Pará até 1909. Os *lemistas* estavam no poder e isso significava violência contra a oposição. Veiga Cabral também não iria escapar. Já havia perdido o prestígio de ser herói nacional. No ano de 1905, seu jornal sofreu uma forte perseguição política e até mesmo censura (foi proibida a sua venda nas ruas).²⁰ Cabralzinho já se encontrava muito doente e não resistiu ao saber dos ataques da polícia contra seu jornal. Naquele mesmo ano morreu, aos 44 anos de idade.²¹

Nos dias de hoje, a figura de Cabralzinho é fruto de polêmicas interpretações em Macapá. Para muitos ele foi um tirano, devido o uso excessivo da violência contra seus inimigos políticos, mas oficialmente ele é reconhecido como um administra-

²⁰ FOLHA DO NORTE. Belém, 18 de maio de 1905.

²¹ FOLHA DO NORTE. Belém, 19 de maio de 1905. Não encontrei maiores esclarecimentos sobre sua doença.

dor da região. Em relação ao mundo da capoeira, seu vínculo à prática ficou perdido na memória coletiva. Curiosamente, no livro *O Sairé e o Marabaixo*, Nunes Pereira apresenta uma fotografia do Marabaixo, em Curiaú, onde em meio à festa aparece uma possível manifestação da capoeira entre seus brincantes (ver figura a seguir).²² A prática seria uma permanência da época de Cabralzinho, uma inserção do modelo baiano ou a mistura de ambas as tradições?! Bem, outra pesquisa com um recorte temporal mais contemporâneo poderá auxiliar nesta questão. Por ora, devemos compreender que a figura polêmica de Cabralzinho estava inserida em uma situação política bem mais ampla do que apenas suas intenções e práticas pessoais.

Foto: Aspectos do Marabaixo no Amapá. Fonte: PEREIRA, Nunes. *O Sairé e o Marabaixo*, 135.

Segundo Jonas Marçal, a transformação de Francisco Xavier da Veiga Cabral em herói nacional estava vinculada a uma necessidade maior de consolidação do sistema republicano e combate aos movimentos separatistas. Paralelamente ao problema das frontei-

²² PEREIRA, Nunes. *O Sairé e o Marabaixo*. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1989.

ras no Amapá, diversos movimentos ocorriam por todo o país: agitações jacobinas na capital federal, a Revolta da Armada (da qual Cabral tentou participar em nível local), Canudos e, particularmente, a Revolução Federalista, de caráter separatista. Todas estas agitações, associadas às frequentes crises econômicas, política e social, abalavam a frágil estrutura que sustentava a nova ordem²³. Nesse sentido, como assinalou Murilo de Carvalho, a criação de heróis nacionais, como era o caso de Veiga Cabral, tinha a função de legitimar o regime político recém implantado, pois ajudava a sensibilizar o povo para a “importância” da nova proposta, principalmente quando este não havia participado do processo – como era o caso da implantação da República no Brasil.²⁴

Considerando todos estes aspectos, não caberia aqui atribuir valores positivos ou negativos ao polêmico personagem. Pelo contrário, é preciso esquecê-lo como indivíduo e inserir sua trajetória na história da capoeira. Afinal, o litígio no Amapá permite resgatar os limites e as possibilidades da prática da capoeira em um contexto em que ela havia sido, por um lado, criminalizada – a partir da implementação do Código Penal republicano – e, por outro, relativamente resgatada através do referido episódio, experiência muito particular que, até então, estava esquecida na memória cultural da região e desconhecida por completo na história geral do Brasil.

²³ QUEIROZ, Jonas Marçal de. “História, mito e memória: o Cunani e outras Repúblicas”. In: GOMES, Flávio dos Santos (org.), *Nas Terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira – séculos XVIII-XIX*. Belém: Editora Universitária/UFPa, 1999, p. 338-345.

²⁴ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55.